

Futura visita. Como o *Inominado* de Manzoni, também nós podemos ficar surpreendidos de que um único homem possa ser a chave da solução para os nossos tormentos

Papa Francisco em Milão **A esperança num abraço**

por Julián Carrón

Caro Diretor, pensando na visita do Papa Francisco a Milão, veio-me à cabeça uma página da qual gosto muito e que os leitores do *Corriere* devem conhecer bem; ela parece-me descrever o sentimento de muitos nestas semanas: uma expectativa cheia de curiosidade.

«Contudo, à claridade que vinha pouco a pouco a crescer, na estrada do fundo do vale, distinguia-se a gente que passava, mais outra que saía das casas, e todos se dirigiam para o mesmo lado, para uma embocadura à direita do castelo, todos de traje domingueiro e com uma alacridade extraordinária. – “Que diabo terão estes?” (...) O senhor permaneceu encostado à janela, muito atento ao móvel espetáculo. Eram homens, mulheres, crianças, em grupos, aos pares, sozinhos; um, alcançando os que iam à sua frente, juntou-se a eles; outro, ao sair de casa, passava a fazer companhia ao primeiro que encontrasse; e prosseguiam juntos, como amigos numa viagem combinada. Os modos indicavam manifestamente uma pressa e uma alegria comuns. (...) Ele olhava, olhava; e crescia-lhe no coração uma mais do que mera curiosidade de saber o que é que podia comunicar um arrebatamento igual a tanta gente diferente. Pouco depois, o bravo veio relatar que, na véspera, o cardeal Federigo Borromeo, arcebispo de Milão, chegara. (...) O senhor, ao ficar sozinho, continuou a fitar o vale, ainda mais pensativo. – “Por um homem! Todos pressurosos, todos alegres, por verem um homem! E, no entanto, cada um destes deve ter o seu diabo que o atormente. Mas ninguém, ninguém, terá um como o meu; ninguém terá passado uma noite como a minha! O que tem aquele homem, para fazer tanta gente alegre? (...) Oh, se eu tivesse para mim as palavras que podem consolar!... Porque é que eu não vou também? Porque não?... Irei, irei» (A. Manzoni, *Os noivos*, Paulinas Editora – Prior Velho, 2015, pp. 405-406).

Também nós somos prisioneiros dos nossos tormentos. Mas é precisamente a consciência da nossa necessidade desmesurada que nos pode fazer ficar atentos ao mais pequeno sinal que anuncie uma possível resposta. Também nós, como o *Inominado*, podemos surpreender-nos de que seja um homem, um único homem, a chave da solução para os nossos tormentos.

A vinda do Papa a Milão é, para mim, o novo acontecer desta possibilidade. E com o *Inominado* digo a mim mesmo: «Irei, irei» ter com aquele que tem as palavras «que podem consolar», ou seja, despertar a esperança.

Desejo que todos aqueles que vão ver o Papa possam reviver a experiência do encontro perturbador descrito por Manzoni: «Assim que entrou o *Inominado*, Federigo foi ao seu encontro de rosto atencioso e sereno, e de braços abertos, como a uma pessoa desejada. (...) O *Inominado* (...) ao levantar os olhos para o rosto daquele homem, sentia-se cada vez mais penetrado por um sentimento de veneração, imperioso ao mesmo tempo que suave (...). Federigo (...) estendeu a mão para pegar na do *Inominado*. “Não!” – gritou este. – “Não! Fora, para bem longe de mim, vós: não sujeis essa mão inocente e benéfica. Não sabeis tudo o que fez esta que quereis apertar.” – “Deixai” – disse

Federigo, prendendo-a com amorosa violência. – “Deixai-me apertar esta mão que irá reparar tantos males, que espalhará tantas beneficiências, que aliviará tantos aflitos, que se estenderá desarmada, pacífica e humilde a tantos inimigos”. (...) O Inominado, soltando-se daquele abraço, (...) exclamou: – “Deus na verdade é grande! Deus na verdade é bom! Agora eu conheço-me, compreendo quem sou; tenho as minhas iniquidade à frente, tenho repugnância por mim próprio; contudo...! Contudo sinto um refrigério, uma alegria, sim uma alegria, como nunca senti em toda esta minha vida tão horrível!”» (A. Manzoni, *Os noivos*, Paulinas Editora – Prior Velho, 2015, pp. 421-425).

Quem não desejaria receber este abraço do Papa Francisco? Aquele abraço que vimos repetir-se por todo o Ano da Misericórdia e que dentro em pouco chegará fisicamente também à nossa diocese ambrosiana, como sublinhou o cardeal Scola: «Encontrar pessoalmente o Papa, ainda que no meio de uma multidão, receber este dom (...) é uma experiência que marca a vida» (11 de fevereiro de 2017).

Desejo que o espanto pela caridade do Papa para conosco nos incite a desejar ser como ele, experimentando o alcance pessoal e público da misericórdia, que nos torna – cada um onde estiver – mãos que reparam males, espalham beneficiências, aliviam os aflitos e se estendem desarmadas, pacíficas e humildes, até no abraço aos inimigos.

Dizia Dom Giussani, filho desta diocese: «Cada um de nós, alcançado pela grande Presença, é chamado a ser reconstrutor de casas destruídas. (...) Cada um de nós é, todos os dias – desde que adiramos [a esse papel de reconstrutores] com sinceridade –, a bondade de Jesus, a sua vontade de bem para o homem que vive nestes tempos tristes e obscuros», e assim «nasce o espetáculo de pedaços de um povo, de uma sociedade diferente, definida por um clima diferente, (...) na qual se torna possível uma estima vencedora» (*L'Osservatore Romano*, 10-11 de fevereiro de 1997). E todos sabemos quanta necessidade existe de sermos alcançados por um olhar cheio de estima para podermos enfrentar sem medo o incessante e quotidiano desafio da vida.

*Presidente da Fraternidade
de Comunhão e Libertação*